

Eleição põe em xeque força da oposição e futuro político de Lula

Frente de esquerdas fará esforço concentrado hoje para reverter quadro favorável a FHC

VERA ROSA

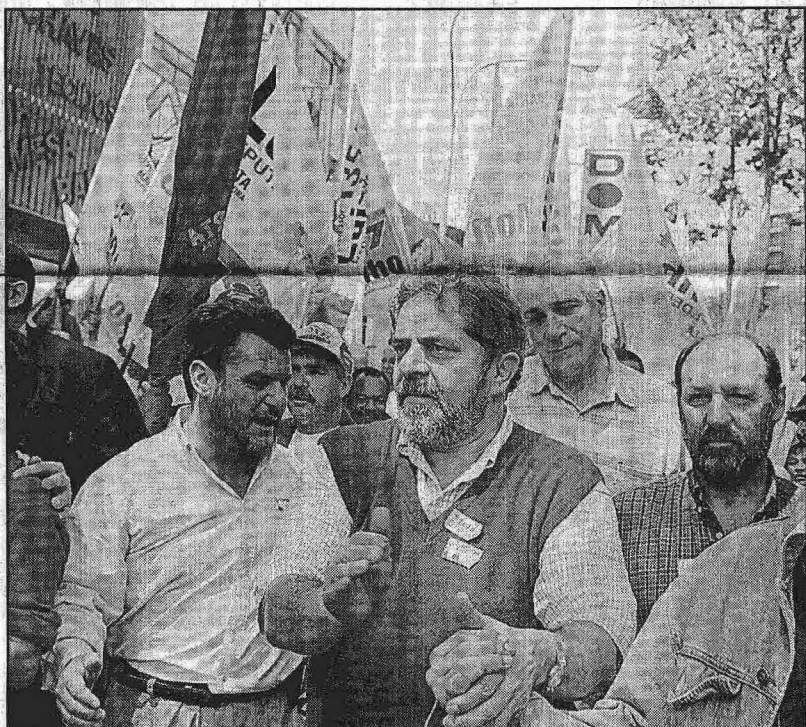
O futuro político de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e a credibilidade da oposição como alternativa de poder estão em jogo nas eleições de hoje. Não é à toa que o PT e seus aliados (PDT, PSB, PCB e PC do B) farão esforço concentrado, na boca-de-urna, para reverter o quadro favorável ao presidente Fernando Henrique Cardoso. Serão 500 mil fiscais e 1 milhão de militantes da coligação de apoio a Lula em 300 cidades com mais de 50 mil habitantes.

Depois de comandar 45 comícios e percorrer 62 mil quilômetros em três meses de campanha, Lula disputa a terceira eleição para a Presidência sem tanta preocupação com o destino pessoal como a que é manifestada por muitos de seus colegas de legenda. Ele não queria ser candidato, mas, desde que aceitou entrar no páreo, liderando a maior aliança de esquerda já formada, envolveu-se na disputa com dedicação e disciplina: visitou 18 Estados, 74 municípios e participou de 10 atos de divulgação de seu programa de governo.

Agora, pede empenho aos militantes para forçar o segundo turno. "Levantem cedo e trabalhem, porque tem muita gente indecisa e as coisas podem mudar", pregou Lula, ontem, ao participar de caminhada com 500 pessoas em Santo André, no ABC paulista. Qualquer que seja o resultado das urnas, no entanto, ele está convencido de que acertou ao pôr a crise financeira no palanque. "Nunca é demais a gente falar que pode vir chuva grossa, porque ninguém dirá que não avisei", insiste, numa linguagem figurada. "A pior derrota para um partido é ser acusado de omissão."

Em conversas reservadas, dirigentes do PT avaliam que, se Lula perder no primeiro turno, haverá uma crise sem precedentes nos 18 anos da sigla. Na opinião de alguns deles, as dificuldades serão agravadas se o partido perder a corrida aos governos de São Paulo e do Rio Grande do Sul, dois Estados estratégicos. Nesse cenário, setores da esquerda petista tornarão públicas as queixas feitas nos bastidores às alianças, ao tom da propaganda na TV e até à agenda cumprida pelo candidato.

Para as facções ortodoxas, Lula deveria ter atacado com mais ênfase o que chamam de "descaso" do Planalto em relação à área social. "A campanha começou fraca, porque as pessoas achavam que Lula precisava bater mais duro em Fernando Henrique, mas acabou terminando legal", afirma o deputado Luiz Eduardo Greenhalgh (PT-



Lula, na caminhada em Santo André: "Levantem cedo e trabalhem!"

SP), um dos representantes da ala esquerda. Greenhalgh nega com veemência que esteja à frente de uma das dissidências do PT, para fundar outra legenda, embora já circule um documento alinhavando os princípios do que seria uma nova agremiação. "Estou é participando de um projeto chamado Consulta Popular, de articulação da esquerda do PT numa linha mais unificada", observa.

No Rio de Janeiro, mesmo se Anthony Garotinho (PDT) chegar ao governo fluminense em aliança com o PT, o acerto de contas entre as tendências será inevitável. Motivo: ficou a cicatriz depois que a direção nacional fez uma intervenção branca no PT do Rio, vetando a candidatura do ex-deputado petista Vladimir Palmeira ao Palácio das Laranjeiras, em nome da união com Leonel Brizola (PDT), vice na chapa de Lula.

"O PT deve discutir mesmo seu futuro, renovar o discurso e reciclar suas idéias, mas sem dilaceramento nem guerra interna", diz o deputado José Genoíno (SP), ressaltando que acredita na passagem de Lula para o segundo turno. No diagnóstico de Genoíno, o PT — que tem em suas fileiras apenas o governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque, pois Vitor Buaiz (ES) deixou o partido no ano passado — sairá fortalecido da eleição, no cômputo geral.

A expectativa é de aumento de 20% na bancada petista do Congresso, hoje com 50 deputados federais e 5 senadores. Mais: a sigla dá como certa que a fatura seja liquidada no primeiro turno no Acre, com Jorge Viana (PT), e em Alagoas, com o aliado socialista Ro-

naldo Lessa (PSB). Também vê grandes chances de retomar o governo do Distrito Federal e de estar presente, em coligação, nas futuras administrações do Rio de Janeiro e do Amapá.

Para o ex-prefeito de Porto Alegre (RS) Tarso Genro — nome que chegou a ser cogitado para concorrer à Presidência no lugar de Lula —, a campanha mostrou a maturidade política do PT. "Pela primeira vez na história recente, a oposição apresentou propostas concretas para administrar o País e tirá-lo da crise", argumenta, ao lembrar das oito medidas que um eventual governo de esquerda adotaria para enfrentar o impacto da turbulência mundial.

Entre elas está o controle do câmbio, para limitar a saída de dólares do País. "Se não se fizer isso, o Real vai por água abaixo", sustenta Tarso, uma estrela em ascensão no PT, ao lado de Cristovam. "Em 1994, perde-

mos o debate por causa do Real, mas neste ano tentamos salvá-lo", emenda o historiador Marco Aurélio Garcia, que coordenou o programa de governo e confia na virada.

Ninguém arrisca qual será o futuro de Lula no caso de uma derrota, nem ele próprio. Só o que se sabe é que, às vésperas de completar 53 anos, o Lula de 1998 está mais emotivo. No mês passado, depois de conhecer a menina Priscila Pereira — uma admiradora que lhe escreveu várias cartas e convenceu seus vizinhos a votar no PT —, ele a levou para um comício em Itajubá (MG). "Quando você vê que sua mensagem mexeu com a cabeça de uma criança de 13 anos é porque valeu a pena", conclui.

PT ACHA QUE
ACERTOU AO
PÔR CRISE NO
PALANQUE